

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ
CURSO DE LETRAS

ROGER WILLY AREVALO AMARAL

MULHER E POESIA EM CONSTRUÇÃO:
UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UMPUNHO

TEFÉ - AM

2023

ROGER WILLY AREVALO AMARAL

**MULHER E POESIA EM CONSTRUÇÃO:
*UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UMPUNHO***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras, no Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. MSc. Kenedi Santos Azevedo

TEFÉ - AM

2023

Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.
(Adélia Prado)

**MULHER E POESIA EM CONSTRUÇÃO:
UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO**

**WOMAN AND POETRY UNDER CONSTRUCTION:
A UTERUS IS THE SIZE OF A FIST**

Roger Willy Arevalo Amaral¹
Kenedi Santos Azevedo²

Resumo: O presente trabalho tem o intuito de fazer uma análise do livro *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas, que tematiza a condição da mulher na sociedade. Para isso, utilizou-se de método bibliográfico do tipo qualitativo. Além de ser embasado em obras de autores que pensaram essas questões, quais sejam, Simone de Beauvoir com *O segundo sexo* (1967), refletindo sobre a mulher desde seu nascimento, propondo-a como produto da construção cultural, Regina Dalcastagnè com *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012) tratando, entre outras coisas, como é vista a mulher na literatura, assim também como Fabiana Pinto com a tese *Duas faces da mulher contemporânea: carreira e maternidade* (2015), analisando o percurso da condição do ser mulher até a atualidade, sem deixar de lado outras vozes críticas, teóricas e filosóficas que foram de grande importância no desenvolvimento da pesquisa, buscou-se mostrar como Angélica Freitas situa a mulher na atualidade a partir da poesia.

Palavras-chave: Mulher em Construção. Angélica Freitas. Poesia Brasileira Contemporânea.

Abstract: This article intends to analyze the book *Um útero é do tamanho de um punho*, by Angélica Freitas, which thematizes the condition of women in society. For this, a qualitative bibliographic method was used. In addition to being based on the works of authors who thought about these issues, namely, Simone de Beauvoir with *O segundo sexo* (1967), reflecting on women since their birth, proposing them as a product of cultural construction, Regina Dalcastagnè with *Literatura brasileira contemporânea: um território conetestado* (2012) dealing, among other things, with how women are seen in literature, as well as Fabiana Pinto with the thesis *Duas faces da mulher contemporânea: carreira e maternidade* (2015) analyzing the path from the condition of being a woman to the present, without leaving aside other critical, theoretical and philosophical voices that were of great importance in the development of the research, we sought to show how Angélica Freitas situates women in the present from the point of view of poetry.

Keywords: Woman in Construction. Angélica Freitas. Contemporary Brazilian poetry

¹ Graduando em Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: rogerwilly48@gmail.com.

² Mestre em Letras: Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira contemporânea é um movimento expressivo e de muitas tendências, que englobando produções de vários teores, e como temáticas diversas, abrindo-se a inovações tanto na produção quanto na presença de autores carregados com perspectivas que dão mais expressividade ao movimento. Diante disso, podemos perceber que há um engajamento social mais íntimo com os problemas que envolvem o ser humano na atualidade, e que, conseqüentemente, são refletidos na prosa e na poesia, como podemos ver evidenciados na obra de Angélica Freitas. Ela, assim como outros escritores, surge nesse contexto como uma voz que anuncia grupos que foram silenciados historicamente como o caso da mulher.

A mulher sempre foi foco da literatura mundial e sua identidade formada a partir do pensamento da sociedade, com imposições de fragilidade ou reduzindo-a ao dever doméstico e matrimonial. Foi moldada conforme a pretensão de um escritor, que fez sua história conforme a função que desejou dá-la. No entanto, com as mudanças ocorridas na sociedade, ela passa a ter cada vez mais espaço, obtendo conquistas e direitos. Atualmente, a mulher não se limita a ser somente mãe, dona do lar e esposa. Ela aparece como um dos principais focos nas capas de revistas, na televisão, nos anúncios e propagandas publicitárias. Ela está presente ativamente em todas as esferas do conhecimento e das artes.

Angélica Freitas, impulsionada pelo movimento contemporâneo, em suas obras também tematiza a mulher, todavia, contrapondo-se aos estereótipos que limitam a condição feminina. Ela é uma poeta e jornalista gaúcha nascida em Pelotas – RS, formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, suas principais obras são, *Rilke shake* (2007), *Um útero é do tamanho de um punho*, (2017) e *Canções de atormentar*, (2020). Cada livro de poemas carrega temáticas diversas, muitas de cunho social.

No contato com a obra *Um útero é do tamanho de um punho*, percebeu-se a mudança de alguns paradigmas em relação ao “ser mulher”, em que ela e seus problemas passam a ser foco principal, refletindo a partir de uma linguagem mais cotidiana e trazendo um pensamento desvinculado do casual. A presença da mulher na literatura como autora, personagem e tema, passou a fazer parte da realidade cultural, engendrando um discurso notadamente simbólico do ponto de vista do feminino, discursos sobre suas próprias concepções de mulher, seu corpo e sua subjetividade. Ela passa a se ver e formar seus perfis a partir de suas visões do mundo e da sociedade. Tal constatação leva-nos a questionar a situação da mulher na atualidade, tomando por *corpus* de análise o livro *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas.

A presença feminina no discurso poético de Angélica Freitas nos mostra um eu-lírico que reflete a mulher como uma construção, versando como ela deve ser ou mesmo idealizando um perfil visto pela sociedade. No entanto, mostra-se a presença de uma mulher que ainda é inacabada com “tíjolos à vista”, ou ainda está em um processo contínuo de mudanças, destacando que por ser construção o processo não está pronto. Diante disso, pensamos que Angélica Freitas questiona a ideia de mulher perante o contexto social atual e tenta proporcionar uma nova perspectiva a ser refletida. A partir dessas considerações, pensamos as seguintes hipóteses. A primeira, entendemos que como conceito, o ideal de mulher construiu-se a partir das concepções da sociedade, de sua cultura, e da forma que as pessoas veem o mundo. A segunda, pressupomos que a imagem da mulher na literatura é pouca, e apresentada conforme a visão social do tempo em que está sendo vista e refletida. A terceira, desenvolve-se no pensamento de que, como poeta, Angélica Freitas reflete a mulher contemporânea, através de um eu-lírico que, questionando conceitos antigos, revisa conceitos novos, rompe tabus sociais e propõe um novo olhar ao feminino a partir da própria perspectiva da mulher.

Diante dessas proposições, objetiva-se refletir a situação da mulher na atualidade como autora, personagem e tema, tomando por objeto de análise a obra *Um útero é do tamanho de um punho* de Angélica Freitas. Assim também como pretende-se mostrar algumas concepções gerais do conceito de mulher e em seguida apresentar autoras que se destacaram e escreveram na literatura brasileira de autoria feminina; posteriormente, apresentar como é construída a imagem da mulher na literatura nacional. Além de procurar identificar como Angélica Freitas caracteriza a mulher no poema “a mulher é uma construção” e como ela situa a mulher na sociedade a partir de uma visão própria.

Tendo em vista a problemática em questão e seus objetivos, entende-se ser o produto dessa pesquisa primeiramente uma contribuição intelectual aos estudos literários e ao entendimento da poeta em análise; proporcionando também uma melhor compreensão de como é construído o discurso sobre a mulher em sua poesia. Do mesmo modo, poderá fornecer mais conhecimentos para os estudos da linha de pesquisa em questão, podendo chamar a atenção para futuras pesquisas nesse ramo. Ademais, será importante para o estudo temático sobre as poesias da autora, em especial na poesia “a mulher é uma construção”, proporcionando novas análises sobre como é situada a mulher na atualidade.

A presente pesquisa caracteriza-se com o procedimento metodológico bibliográfico fazendo-se necessário a busca por teorias em livros, teses e artigos que discutam a temática em questão, entre outros teóricos que se fazem necessários para os entendimentos relacionados ao

tema. Por esse aporte, buscou-se primeiramente por trabalhos relacionados a Angélica Freitas e suas obras no intuito de investigar outras visões de sua poesia.

Este artigo foi desenvolvido em três partes, no primeiro item, **Mulheres escritoras**, iniciou-se por tentar estabelecer significados e conceitos sobre a palavra “mulher”, para isso trazemos para a discussão entendimentos da própria definição presente em *O Novo Dicionário Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*, assim também como a acepção filosófica de Simone de Beauvoir, que tematiza a mulher como produto da construção sociocultural. Posteriormente, apresentou-se escritoras mulheres que são significativas ao longo da literatura brasileira até chegarmos a Angélica Freitas. No segundo item, **Imagens da mulher na literatura**, buscou-se definir os termos imagem e representação adotados como uma forma de mostrar as características que foram sendo atribuídas a mulher ao longo da história e que se refletiram na literatura brasileira, tematizando perfiz padronizados. Por fim, no terceiro item, **A mulher em construção: a poesia de Angélica Freitas**, traz-se, à luz das teorias, a análise do poema “a mulher é uma construção” inserido na obra *Um útero é do tamanho de um punho*.

Dessa forma, faz-se uma estudo crítico a partir do levantamento teórico da evolução da mulher ao longo da história e da literatura, vendo como ela veio sendo constituída tanto como conceito, tanto como ser social, até muitas vezes em segundo plano, de forma que gerou contemporaneamente, preocupações específicas de escritoras engajadas em refletir sua condição atual trazendo para o debate novos olhares para o ser mulher, como é apresentada na obra *Um útero é do tamanho de um punho*.

2 MULHERES ESCRITORAS

Para pensar a mulher na literatura como escritora, antes, faz-se necessário entender, o conceito da palavra “mulher”, além de verificar como ela é apresentada enquanto parte do espaço em que ocupa na sociedade, para que, dessa forma, possamos tomar com mais particularidade as questões que a envolve, e assim apresentar mulheres que se destacaram, e deixaram suas marcas de contribuição à literatura de autoria feminina no Brasil.

O Novo Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, traz uma série de verbetes com definições diversas sobre a palavra “mulher”. Na forma que são apresentadas essas definições, ela é relacionada predominantemente a sua condição biológica, sendo vista a partir do sexo, (numa distinção entre masculino e feminino), e necessitando também de competências para que se caracterize como mulher. Logo, nessa perspectiva pode ser entendida como uma normatização do significado da palavra “mulher”,

fazendo com que ela precise atender a determinadas competências para ser identificada como tal. Dessa forma, o dicionário designa-a como:

1. O ser humano do sexo feminino. 2. Esse mesmo ser humano considerado como parcela da humanidade: *os direitos da mulher*. 3. A mulher (1) na idade adulta. 4. *Restr.* Adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade; moça. 5. Mulher (1) dotada das chamadas qualidades e sentimentos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição): *Como mulher, sabe apoiá-lo na justa medida*. 6. A mulher (1) considerada parceira sexual do homem. 7. Cônjuge do sexo feminino; a mulher (1) em relação ao marido; esposa. 8. Amante, companheira, concubina. 9. Mulher que apresenta os requisitos necessários para um determinado empreendimento, para um determinado encargo: *mulher de negócios*. 10. Uma mulher (1) qualquer; dona: *quem telefonou? – Uma mulher*. [Aum., nas acepç. 1,3 a 6: Mulheraça, mulherão e mulherona.] ♦ **Mulher da sociedade.** A que que frequenta a alta sociedade e conhece seus hábitos e costumes. **Ser como a mulher de César.** Ser mulher de reputação inatacável [grifos do autor] (FERREIRA, 1999, p. 1377) .

Como vemos, “mulher” é primeiramente generalizada e definida pela condição biológica, como ser humano do sexo feminino, e subdividida a um grupo por ser considerada parcela da humanidade. Pelo nascimento é entendida como mulher na constatação de seu sexo e ao mesmo tempo uma parcela da humanidade, sendo colocada em grupo conforme as necessidades, a condição do sexo e coisas afins, por isso, destaca-se “*os direitos da mulher*” que faz referência as reivindicações necessárias para garantir a existência desse grupo. Portanto, a mulher é reconhecida por uma característica principal, (o sexo), e assistida em direitos por dividir esta característica com outras.

As designações do item 3 e 4 definem conforme as fases biológicas da vida do que julga ser “mulher”. É citada a mulher adulta e “adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade; moça” (FERREIRA, 1999, p. 1377). Aqui podemos notar uma relação da passagem da condição de criança para a mocidade, que na fase da puberdade e desenvolvimento de corpo, após o ato da menstruação, passa a ser reconhecida como mulher adulta. Assim, entende-se que para se definir como “mulher” é necessário passar por essas fases de transformações característica do sexo feminino.

Interessante notar que, no item 5, coloca-se a “mulher” como dotada de “qualidades e sentimentos femininos”, destacando-se entre eles “carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição” (FERREIRA, 1999, p. 1377). A relação da mulher com o sentimentalismo parece pô-la em oposição ao homem, pois coloca-a como dotada dessas “qualidades” que são definidas próprias a ela, atribuições que são típicas do pensamento social de uma considerada “família tradicional”, que atribui o sentimentalismo, dedicação ao lar e a família para a mulher enquanto cabe ao homem a manutenção do núcleo familiar.

Nos itens 6, 7 e 8, a “mulher” é apresentada numa íntima relação com o homem, dando definições que podem servir de sinônimos, como por exemplo: “parceira sexual do homem; cônjuge do sexo feminino e esposa” (FERREIRA, 1999, p. 1377). As definições se referem a relação conjugal entre os dois sexos e aparentemente demonstram uma dependência quanto a significação da mulher na relação que se faz com o homem, para se definir o significado dela, faz-se uso da figura masculina como seu parceiro do sexo oposto.

Por fim, nos itens 9 e 10, mostra-se alguns tipos de mulheres, como por exemplo “uma mulher qualquer”, como é designado no verbete para tratar uma desconhecida em um caso informal. Outro exemplo, cita “*mulher de negócios*” e atribui que para ser considerada dessa forma têm que atender a determinadas competências exclusivas para ser considerada como uma mulher de negócios. Nesses itens também são apresentados aumentativos da palavra mulher, como “Mulheraça, mulherão e mulherona” e comparativos a ela como, “mulher da sociedade” e “ser como a mulher de César”. Vemos que há uma relação de comparação para a mulher no seu meio social, o fato de haver uma mulher da sociedade, faz necessário haver uma que não seja, o que constata duas visões diferentes da posição social e evidentemente um *status* de privilégio, ou melhor visibilidade para aquela que “frequenta a alta sociedade e conhece seus costumes e hábitos”.

Em concordância com essa reflexão, Silva e Haetinger (2019), que também fazem uma breve análise sobre as definições do significado da palavra mulher a partir do dicionário, também constata que os verbetes apresentados, primeiramente a relacionam aos fatores biológicos, o que a distingue do homem por estrutura, depois aos fatores sentimentais, considerando o sentimentalismo como uma característica própria do feminino. Fica evidente, diante dessa breve apresentação, que tais conceitos e significados representam o entendimento lexical compartilhado por um grupo de indivíduos, logo que o dicionário guarda as convenções que os falantes de uma língua atribuem para que uma palavra seja entendida no seu grupo.

As definições que são trazidas pelo dicionário divergem de outros entendimentos do que é a “mulher”. A formalização de um significado anda geralmente em concordância com um grupo de indivíduos, que muda conforme suas necessidades, o que faz a palavra “mulher” ser entendida e significada conforme o uso dos indivíduos de um grupo particular e de acordo com seus interesses. Dessa forma, para outros teóricos que também discutem sobre o assunto, como Simone de Beauvoir, o entendimento de “mulher” passa a ser diferente e se alinha com sua visão filosófica e feminina, para a atribuir a definição.

Segundo Beauvoir (1967, p. 9), “NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher” [grifo da autora]. Essa é a primeira frase de sua obra *O segundo sexo*, que discute sobre as questões do

feminino dos aspectos do nascimento até a vida adulta. Com isso, a autora põe em questão e evidencia a mulher enquanto sujeito social, expondo que não são os traços biológicos que constroem a subjetividade feminina e seu conceito social estabelecido. E ainda destaca que é o conjunto da civilização que define o valor e o produto que distinguirá o macho e a fêmea, intitulada por Beauvoir, (1967) como “o castrado”.

Com essa afirmação, pressupõe-se que a mulher pode ser comparada a um objeto, que pode ser moldado e esculpido segundo a interferência de outros, pois o “torna-se” nos leva a concepção de uma transformação de um estado para outro. Beauvoir (1967, p. 9), ainda reafirma essa questão dizendo que “somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro.” Logo, a construção da mulher se dá a partir de influências externas a si, e tem como principal construtor de seu conceito a sociedade em que vive, articulado segundo a sua cultura.

Beauvoir traz um entendimento diferente do que é tratado no dicionário, que também não é um conceito universal do que é a “mulher”. Nos verbetes analisados acima, vemos que a mulher é relacionada diretamente com seus fatores biológicos do nascimento, ou seja, seu sexo e também passagem da puberdade. Tomando o pensamento de Beauvoir, entendemos a mulher apenas como um “ser” que se molda no tempo e espaço, sofrendo influências na sua construção pessoal e conceitual. Ela nos faz refletir um ponto principal, o fato de haver dois entendimentos diferentes de uma mesma palavra, que podem ser amplamente usados.

Para Boris e Cesídio (2007, p. 454), “A cultura, embora possa ser definida de várias formas, exprime os diferentes modos de organização da vida social, referindo-se tanto à humanidade como um todo quanto às nações, às sociedades e aos grupos sociais”, logo, a cultura trata-se da organização da sociedade e de seus modos de vida, das relações entre as pessoas e de como elas constroem seu modo de vida. Os autores ainda salientam que a cultura “é o modo como os indivíduos se comportam e expressam seus valores, suas crenças e seus saberes, em um determinado período histórico”. (BORIS e CESÍDIO, 2007, p. 454).

Como podemos perceber, de modo geral a cultura pode envolver tudo que temos e tudo que construímos enquanto conhecimento e bens dos diversos fins. Então, tanto o conceito de mulher que é apresentado no dicionário e o que é trazido por Simone de Beauvoir são produtos do entendimento cultural dos grupos de indivíduos na sociedade. O que nos mostra que são formulados significados conforme a visão de uma determinada parcela da sociedade.

Por ser produto da cultura, o que se entende por mulher é modificado conforme o tempo em que se reflete o conceito, para atender as necessidades do entendimento das pessoas. Ao falar dos discursos sobre a mulher a partir de um determinado período histórico, compreendendo-a como produto da cultura, Pinto (2015) afirma que

Este processo se estabelece a partir da internalização e reprodução de normas, crenças e costumes de modo que a realidade de determinado contexto seja experimentada como algo naturalizado. A cultura é uma construção dos sujeitos que, por sua vez, são igualmente constituídos pelas práticas, leis e convenções, legitimadas e difundidas por eles mesmos. Compreendemos, portanto, que a subjetividade é resultado das relações estabelecidas entre os que operam o meio social (PINTO, 2015, p. 15).

Assim, vemos que a situação da mulher como conceito, caracterização e subjetividade, ou seja, a própria forma como é vista uma mulher, está ligada ao período histórico em que esse indivíduo está situado, assim também como se produz com o todo civilizacional de sua cultura, levando em consideração questões alheias a si. A essa consideração, Boris e Cesídio (2007, p. 455) discorrem que “a cultura compreende a maneira de o sujeito organizar seu pensamento, suas relações interpessoais, seus ideais e sua forma de perceber o mundo”, desse modo, a maneira de pensar os conceitos parte das relações entre os indivíduos.

Como podemos notar, o conceito da “mulher” muda em decorrência do tempo, assim como a própria pessoa da mulher se molda e modifica mediante a relação das pessoas que ditam a cultura. É dessa forma que a pessoa vai ser vista, significada e entendida. Sobre essa consideração Pinto (2015) fundamenta que

O papel da mulher desenvolve-se em função de atravessamentos sócio históricos, sendo modelado e modificado em função do contexto. Portanto, a identidade e atuação feminina no meio social não é determinado apenas por aspectos biológicos do gênero, mas marcado pela incidência de ideologias, pela própria cultura. (PINTO, 2015, p. 15)

Dessa forma, a representação de um conceito e a construção das características de um indivíduo são formalizadas no tempo e no espaço em que vivem. Cada agente social é destinado a ser o que sua cultura lhe impõe, pois a construção de nossos conhecimentos se fazem através das relações humanas que se perpetuam na vida das pessoas. Da mesma forma, o que a mulher pode ou não fazer, onde ela pode estar inserida ou não, veio sendo normatizado a partir da visão cultural do momento em que ela esteve inserida, seguindo a ideologia do grupo dominante.

Enveredando por essa perspectiva, de que a mulher, seu significado e como a vemos, é uma construção sociocultural de indivíduos em um determinado tempo histórico, sabe-se que a mulher ao longo do tempo teve pouco acesso à voz e visibilidade para falar por si própria e que nem sempre foi tão aceita em alguns meios sociais. No entanto, existem algumas mulheres que se destacam como autoras, cada uma a seu tempo, ao longo da trajetória na literatura brasileira, como vozes femininas que deram visibilidade a mulher em meio a predominância masculina.

Primeiramente, destacamos Nísia Floresta (1810), que no século XIX demonstra uma presença forte e marcante da mulher engajada na literatura e na educação brasileira. Ela é considerada por alguns autores a pioneira da educação e da escrita feminista no Brasil, e mesmo diante de um cenário repleto de figuras masculinas, se destacou como escritora e educadora, tendo seus principais escritos voltados para a condição da mulher na sociedade e a luta por uma educação igualitária entre homens e mulheres.

Ela teve um casamento arranjado por sua família ainda muito jovem, no entanto, se desfez desse casamento pouco tempo depois de acontecer. Esse fato também influencia nas suas obras, que tem por foco a autonomia da mulher diante das imposições da sociedade. (MACHADO e PAULO, 2020). Nísia tem pouca visibilidade na literatura brasileira, mas passa a ter um papel importante por sua presença como mulher que se destaca a seu tempo e que por ser mulher constrói seu fazer literário e aponta uma pedagogia focada na emancipação feminina em relação a educação formal e familiar.

Contemporânea a Nísia, está Maria Firmina dos Reis (1825), que segundo Santos (2022, p. 28) “[...]foi negada a primazia de ser a primeira escritora da literatura brasileira romântica, pelo fato de ser mulher, negra, semialfabetizada, provinciana.” Ela era escritora, poeta, jornalista, educadora e filha de uma escrava alforriada. Também atuou de maneira fervorosa no círculo letrado do Maranhão, sendo dessa forma, um fato anormal a seu tempo. Sua principal obra é o *Úrsula* publicado em 1859, visto como primeiro romance abolicionista de autoria feminina na língua portuguesa e o primeiro escrito por uma mulher negra na América Latina, o romance é de característica abolicionista e cronologicamente anterior a *Navio negreiro* de Castro Alves, no entanto, ainda é pouco conhecido assim como ela e muitas outras mulheres de seu tempo. (MENDES, 2014)

Com nascimento em 1914 também podemos destacar Carolina Maria de Jesus, mulher negra e simples que se destaca como escritora, tendo como sua principal obra o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Teve pouco tempo de estudo formal e por ser mulher negra e sobretudo por suas condições de vida, por ser catadora de lixo, foi muito discriminada. Seus escritos apresentam e denunciam as mazelas sociais dos anos 50 na cidade de São Paulo, seu livro é testemunho das marcas de desigualdade da época (OLIVEIRA, 2014). Temos essas mulheres como presença na escrita em tempos que elas eram pouco vistas, e até hoje são pouco conhecidas do grande público, no entanto, são autoras que se destacaram por suas produções e atualmente vêm ganhando mais reconhecimento.

Todavia, é a partir do modernismo brasileiro que aparecem mais mulheres no cenário cultural brasileiro. O que mostra a presença feminina tomando espaço e representação própria

no meio acadêmico e intelectual. O modernismo é marcado pela diversidade de expressões, a partir do qual foi notável as contribuições de mulheres como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Adélia Prado entre outras, que deram e dão até hoje contribuições para o crescimento da literatura de autoria feminina no Brasil.

Como destaque, Cecília Meireles teve grande visibilidade como poeta, ensaísta e educadora. Tendo uma infância marcada pela perda de seus familiares, carrega em suas obras um intimismo, tendo uma estrita relação com a morte. Como professora lutou pela implantação de escolas e bibliotecas que visassem uma melhor educação para crianças e adolescentes. Ainda jovem conhece Olavo Bilac, que foi seu influenciador para maior destaque na literatura. Cecília está inserida mais especificamente na segunda fase do modernismo. Foi uma poeta brasileira ganhadora de vários prêmios por suas obras, como o prêmio da Academia Brasileira de Letras e o prêmio Jabuti, mesmo em um cenário com mais representações masculinas.

Faz-se importante ressaltar que ela teve uma atitude crítica ao papel da mulher na escrita e autoria feminina no Brasil. Ela como mulher e poeta, gostava de ser chamada assim, pois achava o termo poetisa ser menos prestigioso. (FARRA, 2006). Portanto, mostra-se uma mulher que reconhece seu lugar e sua importância na escrita brasileira, sendo destaque e influência para outras autoras que a sucederam.

Outra importante autora que se destaca na literatura brasileira é Adélia Prado. Nascida em 1935 em Divinópolis, ela é uma autora completa que se destaca em vários seguimentos, sobretudo na poesia. Pertencendo já ao movimento pós-modernista brasileiro, tem seus primeiros poemas publicados no jornal de sua cidade, mas começa a ser mais reconhecida quando seus poemas são apreciados por Carlos Drummond de Andrade, que os envia para publicação, dando composição ao livro de poemas *Bagagem* sendo muito apreciado pela crítica literária da época.

Adélia também é uma poeta que traz em sua composição poética o interesse pela mulher, assim também como questões ligadas à religião. Ela reflete a mulher a partir de uma visão mais feminina, e não sobre um viés feminista, ela apresenta aspectos relacionados ao lar, à família e à vida cotidiana, justamente por carregar traços da religiosidade (FRAZÃO, 2022). Dessa forma, sua visão enquanto mulher ligada a religião católica, faz refletir em sua poesia uma perspectiva própria sobre a feminilidade.

Conforme foi apresentado, as escritoras têm características e contribuições diversas para a literatura de autoria feminina no Brasil. Cada uma a seu tempo reflete as questões ligadas a sociedade e à mulher sob pontos diferentes. Suas contribuições demonstram que mesmo que seja uma presença pequena se comparada a imagem masculina, ainda assim são encontradas

autoras que mostram resistência, e, indo contra aos padrões impostos para a mulher, vão além e se impõem significativamente com sua escrita.

Como vemos ao longo da literatura existem escritoras significativas que deram destaque a mulher e sua produção proporcionando um novo olhar a mulher, e até servindo de inspiração para outras. Como foco principal desse artigo, temos Angélica Freitas. Jornalista, tradutora, escritora e poeta que tem como um dos seus principais temas a mulher na sociedade atual, por meio da sua escrita ela apresenta diferentes formas de ser mulher na atualidade, ironizando e desvinculando-se de estereótipos sociais que tentam impor uma figura feminina centrada no tradicionalismo.

Freitas nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1983, é formada em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, trabalhou como repórter para o jornal Estado de São Paulo enquanto morou na cidade, no ano de 2020 residiu em Berlim, na Alemanha, com sua companheira, onde fez uma residência artística. Seus primeiros poemas foram publicados na Argentina, em uma antologia de poesia brasileira. Atualmente, suas principais obras são *Rilke shake*, que foi lançado em 2017, na coleção Ás de Colete pela editora 7Letras e Cosac Naify, que foi republicado mais tarde pela Companhia das Letras; *Um útero é do tamanho de um punho*, 2012, Cosac Naify e reeditado pela Companhia das Letras em 2017; e *Canções de atormentar*, 2020, também publicado pela Companhia das Letras.

Em seus livros a autora trata de temas variados. Em *Rilke Shake*, por exemplo, faz a reunião de vários poemas escritos e que estavam guardados. Por ter gosto pela escrita desde criança, na obra apresenta-se poemas que fizera na infância, como o poema “As bruxas de Bruxelas”, um pequeno poema bem-humorado com características pueris. Em *Canções de atormentar*, entre seus temas está também sua infância, assim como poesias que refletem e discutem sobre o machismo e a injustiça na sociedade brasileira.

Em *Um útero é do tamanho de um punho*, 2017, obra objeto deste artigo, Angélica traz uma poesia mais centrada na “mulher”, e de forma humorada ironiza as imposições que são feitas ao feminino em nossa sociedade. Ela trabalha em seu discurso poético a condição da imagem do ser mulher e de sua autonomia sobre seu corpo e suas escolhas, e os expõe de forma crítica e reflexiva. O próprio poema que dá título ao livro, em que a autora põe em questão as imposições feitas a mulher diante de seu órgão reprodutor, destacando a metáfora de comparar o útero a um punho, como um símbolo de resistência feminista. (MENDES, 2016)

A obra é dividida em sete seções com os seguintes títulos, “Uma mulher limpa”; “mulher de”; “A mulher é uma construção”; “Um útero é do tamanho de um punho”; “Sete poemas com auxílio do Google”; “Argentina” e “O livro rosa do coração dos trouxas”. Cada uma das seções

apresenta poemas que trabalham as questões femininas a partir de perspectivas politizadas, que podem ser entendidas como poesias de resistência. Por foco desse trabalho, será feita na terceira seção a análise do poema “A mulher é uma construção”, objetivando identificar como Angélica Freitas através do eu-lírico caracteriza a mulher na poesia diante de sua visão de poeta.

Vemos ao longo dessa exposição alguns conceitos da palavra mulher e de como ela é entendida e vista na sua sociedade, e mulheres que demonstram resistência as imposições sociais e se destacam como escritoras, poetas e educadoras. Dessa forma, podemos perceber que a mulher está presente ao longo de parte da literatura brasileira, mesmo de forma pequena e reprimida, no entanto, a imagem da mulher nem sempre é construída e caracterizada por elas mesmas, e se divergem nas formas que são caracterizadas. Essas considerações serão expostas na seção seguinte desse artigo, buscando apresentar a imagem da mulher presente na literatura.

3 A IMAGEM DA MULHER NA LITERATURA

A imagem da mulher na literatura brasileira é um tema de grande relevância e complexidade, uma vez que reflete as percepções, influências e representações sociais ao longo do tempo. A construção dessa imagem envolve uma série de aspectos históricos e culturais que permeiam toda a literatura. Portanto, inicialmente precisamos entender o que se pretende considerar com a palavra “imagem”. Entre suas muitas definições, conforme o *Dicionário de filosofia*, é designada como “semelhança ou signo das coisas, que pode conservar-se independentemente das coisas.” (ABBAGNANO, 2007, p. 620). Assim, primeiramente a partir desse significado, entendemos “imagem” como a semelhança com um ser ou objeto, podendo propiciar uma visualização de algo sem que ele esteja presente. Logo, a imagem de alguma coisa tem que ser parecida com a própria coisa, ou seja, deve conter suas informações mais importantes para caracterizá-la.

De maneira um pouco diferente, para *O Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, a “imagem” significa, “[do lat. *imagine*.] **S. f. 1.** Representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de objeto” [grifos do autor]. Vemos que para dar sentido à palavra recorre-se a outra, que é a palavra “representação” designando que a imagem é uma forma de representação através de algum meio. Logo que se busca a palavra imagem, deparamo-nos com outra palavra que será usada e que precisa ser distinguida.

Assim, a “representação” etimologicamente denota vários significados, dentre eles “[do lat. *representatione*.] **S. f. 1.** Ato ou efeito de representar (-se) [...] **4.** Reprodução daquilo que se pensa.” (FERREIRA, 1999, p. 1747). A princípio, vemos aqui de duas formas, como o ato

de responder por alguém ou a si próprio, ou seja, nesse primeiro sentido, quem representa alguém tem o poder de falar e responder pelos interesses de outra pessoa perante alguma entidade. No item 4, é mostrado como uma reprodução do pensamento, ou seja, externar de alguma forma o produto cognitivo sobre alguma coisa, assim, quando se tem uma visualização mental sobre a “mulher”, pode-se expressar isso através das características a fim de defini-la.

Em outro dicionário a “imagem” significa “*sf.* 1 representação ou reprodução de um objeto ou de um ser por meio de desenho, pintura, escultura etc. [...] 7 *Fig.* Aquilo que simboliza alguma coisa: *A cena era a imagem da miséria humana.* 8 *Fig.* Parecença, semelhança: *Fomos feitos a imagem de Deus.*” [Grifos do autor] (CALDAS, 2011, p. 763), aqui, igualmente o outro, vemos mais uma vez que a “imagem” tem essa relação com a “representação” ou reprodução das características de um ser em um outro espaço, e para isso deve ter as semelhanças com o próprio ser representado o que mostra uma igualdade na significação dos três dicionários. Já a palavra “representação” denota,

sf. 1 ato ou efeito de representar (-se). 2 coisa que se representa. 3 cópia mais ou menos próxima do que se tem em mente ou do que se vê. 4 *Fil.* Processo por meio do qual a mente presentifica a imagem, ideia ou conceito de um objeto apreendido pelos sentidos, imaginação, memória ou concebido pelo pensamento. (CALDAS, 2011, p. 1189)

A palavra representação aparece de forma ambígua, com sentido tanto de responder por alguém, como de caracterizar alguém ou alguma coisa através de um meio, que pode ser de forma expressiva corporal, como uma encenação, ou através de um outro meio como a escrita. O sentido que queremos dar a essa palavra juntamente com a palavra “imagem”, é apresentado mais prontamente nos itens 3 e 4, como cópia mais ou menos próxima do que se vê ou pensa, no ato e presentificar uma ideia ou conceito entendido pelos sentidos. Portanto, a palavra será usada como a reprodução que mostra as características da mulher na sociedade e que é expressada através da escrita na literatura.

A partir dos significados entendemos a “imagem” como uma representação ou reprodução que mostra as semelhanças de alguma coisa ou ser, apresentando a caracterização do entendimento de alguma coisa através de um outro meio, dessa forma, pretende-se abordar a imagem da mulher como um reflexo da realidade, ou seja, a própria maneira como ela é mostrada e descrita na literatura, ao passo que, essa descrição é uma representação gráfica por meio das palavras, mostrando a visão e o entendimento geral que um narrador tem em seu texto dos perfis que simbolizam as características de uma mulher.

Essa imagem, historicamente, veio sendo construída por narradores masculinos, como destaca Regina Dalcastagnè em *Imagens da mulher na narrativa brasileiras*, de 2007,

salientando que a predominância masculina em lugares de enunciação, ou seja, lugares de expressão de pensamento como a literatura, faz existir uma dificuldade, a de se ter uma real perspectiva da mulher, “a dificuldade surge porque, mesmo que sejam sensíveis aos problemas femininos e solidários (e nem sempre o são), os homens nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 128). Dessa maneira, na questão de caracterizar a subjetividade de uma personagem através do pensamento masculino perde-se sempre alguma coisa, ou seja, não pode haver fidelidade da mesma maneira que o próprio ser se caracterizaria.

Dessa forma, a imagem da mulher pode ser vista na literatura sob duas perspectivas principais, a que é mostrada pela própria mulher e sua narradora e por homens e narradores masculinos, e mesmo que haja um escritor homem que apresente uma narradora mulher, não pode haver a mesma perspectiva da narração feminina. Presumindo que cada um caracterize da forma que lhe convém, a maneira que ela é mostrada é divergente, pois cada grupo vai apresentar uma personagem segundo seu entendimento, ou adequará ao seu contexto e a intenção que pretende passar com o seu papel dentro de uma obra literária. Isso influencia a personagem mulher, que é menos presente nas narrativas e conseqüentemente são menos protagonistas também tendo menos acesso a posição de narradoras. (DALCASTAGNÈ, 2007).

Regina Dalcatagnè, em um estudo de várias publicações de romances, pelas principais editoras do Brasil, que resultou em *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*, de 2005, argumenta que “mais significativa é a predominância de personagens do sexo masculino. Entre as personagens estudadas, 773 (62,1%) são do sexo masculino, contra apenas 471 (37,8%) do sexo feminino [...]” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 35). A predominância de um gênero de personagem influencia diretamente na visão que se tem de outros, pois diminui significativamente a visibilidade que teremos do grupo menor nas narrativas, e ainda mais, deixa de fora outras perspectivas sociais que poderiam e deveriam ser vistas.

A pesquisa de Regina Dalcastagnè debruça-se sobre um período de 14 anos, em uma virada do século XX para o século XXI, e resultou em outros trabalhos que apresentam imagens de grupos sociais nas narrativas, como por exemplo a mulher. Podemos considerá-la como uma pesquisa recente e que, como vemos, ainda mostra uma pequena presença da mulher, mesmo com a revolução que se teve socialmente nesses séculos sobre o lugar e o papel desempenhado por ela na sociedade. Antes de adentrarmos nas informações que são trazidas por Dalcastagnè, veremos de relance uma imagem que se tem da mulher na história, e que conseqüentemente ainda está no pensamento social de algumas pessoas até os dias atuais.

Segundo Duarte (2009) na literatura de Gregório de Matos e Jorge Amado e Guimaraes Rosa, os perfis da mulher principalmente afrodescendente são apresentados e bem distintos a partir de sua cor.

A personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. (DUARTE, 2009, p. 63-64).

Dessa forma, segundo o autor, vemos uma nítida diferença da imagem da mulher na literatura de época na relação de cor, de acordo com a própria estrutura do pensamento social da época, a uma divisão marcada de como é vista a mulher seguindo três funções distintas, e claro que essa visão social é expressada na literatura da época.

Duarte (2009) ainda discorre que em toda literatura do século XIX, em muitos autores, apresenta-se esse estereótipo da separação da cor na figura da mulher como por exemplo a obra *O Guarani*, que conforme Duarte, (2009, p. 66) “em Alencar, encontramos a visão etnocêntrica que divide as mulheres em ‘anjos louros’ e ‘morenas ardentes’, disseminada em muitas passagens de sua obra”, a partir dessas considerações, como evidente podemos perceber uma imagem mostrada por narradores masculinos, e que ela traz como principal característica de sua figuração a cor, o que faz a mulher ser mostrada ou como um “anjo louro”, a mulher endeusada pelo romantismo, ou a “morena ardente” destacado a sedução por sua beleza.

Em relação ao realismo brasileiro, analisando a obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis e a personagem “Capitu”, Nascimento, Ozelame e Langaro (2016) escrevem sobre uma mudança na forma de ser mostrada a personagem da mulher, sendo despreendida das ideias do romantismo e adequando-se a nova corrente literária.

A mulher, representada nas personagens femininas, aparece não tão frágil como para os românticos, mas capaz de cometer delitos como o adultério, buscando felicidade fora do casamento, ou de enriquecer ilicitamente, as personagens femininas são astutas, sabem manejar situações diversas e são desprovidas de fragilidade. (NASCIMENTO, OZELAME e LANGARO, 2016)

Vemos que a imagem da mulher que é retratada acompanha a dinâmica social e as correntes literárias de cada época em que está sendo escrita, por isso podemos ver uma característica ou outra diferente no decorrer do tempo, todavia perdura-se alguns estereótipos que são insuflados na imagem da mulher, como é visto na própria problematização da personagem “Capitu” descrita apenas pela narração de Bentinho.

Segundo Silvana Fernandes Lopes em “*Retratos de mulheres na literatura brasileira do século XIX*”, de 2011, a mulher urbana, no século analisado, poderia ser assistida educacionalmente pela família ou por instituições assistencialistas mantidas pelo estado ou pelas ordens religiosas e disponibilizavam de uma educação própria para meninas, na qual o aprendizado se limitava de maneira geral às “prendas domésticas”, salientando que a leitura e a escrita era privilégio para algumas moças de famílias mais ricas.

O fato de se normatizar a condição da mulher, e ainda mais na época em questão, nos leva a pensar na construção dela enquanto “ser social” através da influência de outros, como vimos apresentada por Beauvoir. A sociedade através da cultura faz com que a pessoa siga uma determinada conduta, que é vista refletida na própria literatura. Segundo Lopes (2011) “uma concepção tradicional do papel da mulher, vista especialmente como esposa e mãe, permeia toda a sociedade e a literatura da época” (LOPES, 2011, p. 126). Como podemos notar, esse papel desempenhado representa primeiramente a sua posição na sociedade e posteriormente o reflexo na literatura. A imagem traçada na literatura está de acordo com a visão de cada tempo e construída predominantemente pelo do narrador masculino.

Em consonância com a concepção de Lopes (2011) podemos ver que a literatura de época limita a imagem da mulher. Outra característica das personagens apresentada por ela é uma devoção muito forte à família, uma questão sustentada pelas instituições religiosas. Então, de maneira geral, vemos duas principais imagens da mulher na literatura do século XIX que é apresentada sob uma perspectiva da “família tradicional”, entendida como a que tem papéis bem definidos, retratando a imagem da boa esposa e mãe dedicada ao lar, à família e aos cuidados do marido e dos filhos. (FINELLI, SILVA e AMARAL, 2015).

A partir do artigo de Regina Dalcastagnè *Imagens da mulher na narrativa brasileira*, de 2007, fruto de sua pesquisa da personagem do romance brasileiro, outra questão levantada é a forma característica que é figurada a imagem da mulher, tanto na visão do narrador homem quanto da narradora mulher. Segundo Dalcastagnè (2007) levando em consideração os últimos 15 anos desde a publicação do artigo, em uma análise das personagens protagonistas brancas, quando escrita por homens, a mulher é apresentada como,

“[...] jovens (42,3%) e adultas (50%), não chegam sequer à meia idade, e têm como principal qualidade a beleza (42,3% são belas, 50% são atraentes, apenas 34% são inteligentes). São menos escolarizadas, dominam menos a norma culta, ocupam menos a posição de intelectuais e dependem mais dos homens financeiramente (42,3% delas): são quase sempre donas-de-casa. (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 131)

Vemos que a caracterização da mulher a partir do narrador masculino tem como predominância suas afeições físicas. A juventude aparece como a maior questão, pois quando adultas elas aparecem até antes da meia idade. E esse fator sustenta logicamente a questão estética, que simboliza uma atração erótica pelo corpo da personagem. A inteligência e a intelectualidade são as características menos presente, o que pode acarretar a dependência financeira, fazendo ela ser destinada principalmente à função do serviço doméstico. Dada essa caracterização apresentada pela autora, podemos traçar uma imagem geral e predominante segundo a perspectiva masculina, a da mulher bonita e atraente, jovem, ainda relacionada à família e que será destinada às funções de mãe dona de casa.

A maneira como a mulher apresenta essas características são bem diferentes. Podemos notar que elas são mais sensíveis à própria necessidade de visibilidade, de espaço e de caracterização. Segundo Dalcastagnè (2007)

[...] as autoras representam mulheres em variadas faixas etárias, da infância à velhice, abarcando, portanto, diferentes experiências de vida. A principal característica de suas protagonistas é a inteligência (63%), o que faz subir todos os índices relacionados. Entre as autoras, as personagens femininas têm formação superior, e aparecem muitas vezes como mais escolarizadas do que seus cônjuges (em 22,6% dos casos), o que não se verifica entre os autores masculinos (apenas em 3,8%). São mais independentes (apenas 25,9% delas dependem financeiramente de homens), embora sejam também, em sua maioria, donas-de-casa, e têm como principal talento a escrita (33,3%) – desde que sejam brancas; nenhuma personagem não branca escreve, elas têm como “talentos” a cozinha, a costura e a dança (42,9% para cada), o que demarca com clareza os espaços ocupados por cada grupo. (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 131)

Nessa pesquisa, mostrou-se que a representação da figura da mulher não se prende a uma só faixa etária, justificado pela autora como uma maneira de ressaltar as várias experiências da vida, demonstrando assim perspectivas em tempos diferentes de como se vê o mundo. Outra questão observada é a maior ênfase à inteligência e à independência em relação ao homem, que a partir de suas descrições é mais valorizada, assim como também são mais pré-dispostas a atividade da escrita.

Também fica visível, a partir dos dados da pesquisa, a demarcação dos espaços ocupados por grupos diferentes de personagens, quando se trata da cor, a uma mudança de caracterização na imagem da mulher, e mesmo que ela tenha mais presença no universo literário, “o espaço reservado à mulher negra nesse cenário ainda é bem pequeno: tanto a representação de escritoras negras no mercado editorial, quanto a representação de personagens negras, especialmente as do sexo feminino, no universo literário em geral” (ROSSINI, 2016, p. 103). Dessa forma, como é mostrada mais a presença da mulher branca, se restringe ainda mais as características que formam uma imagem predominante não se abrindo a uma figura mais plural.

A partir da pesquisa de Dalcastagnè (2007), podemos ver na literatura brasileira uma imagem padronizada da mulher, que ainda ressalta muito uma condição de mãe e dona de casa, como também pode ser notado na narrativa do século XIX, é como diz Dalcastagnè (2007, p. 39), “O espaço das mulheres representadas no romance brasileiro contemporâneo é, sobretudo, o espaço doméstico”. E essa condição vem sustentada como vimos acima, pela maneira que cada grupo apresenta as características que constituíram a imagem que teremos na literatura.

De maneira geral, assim como nos romances, na poesia também vem sendo construída a imagem da mulher a partir dos dois posicionamentos principais, longe de ser uma caracterização totalitária, cada um apresenta características mais relacionadas a sua maneira de ver o mundo. Essas duas concepções, são encontradas nos ensaios de Jaqueline Alice Cappellari, *A identidade feminina na poesia de Adélia Prado*, de 2010, e de Marly Catarina Soares, *Perfis de mulher na poesia de Drummond*, de 2002.

Segundo Cappellari (2010, p. 01) “[...]se pensarmos na identidade feminina como objeto em construção nos poemas de Adélia, não podemos esquecer que há, por trás do discurso, uma inspiração, nesse caso, retirada do próprio sujeito, mas também inserida no grupo de uma época”, conforme apresenta a autora, a poesia de Adélia vai no sentido primeiramente da autodescoberta, na qual ela traz na sua poesia um reflexo de si própria, construindo uma identidade feminina a partir de sua própria imagem de mulher e que também é a semelhança de outras de seu tempo.

Em análise do poema “Grande desejo” da obra *Bagagem*, diz que “a definição da identidade feminina condiz com a imagem de uma mulher de carne osso, do povo, mãe e, em todo o texto, os elementos do cotidiano ficam evidenciados” (CAPPELLARI, 2010, p. 03). Dessa forma, na poesia de Adélia, vê-se uma mulher do cotidiano e fortemente ligada a religiosidade e a família, o que se apresenta caracterizado justamente pela posição religiosa da autora, todavia sendo também sensível a seus dilemas femininos, se posicionando e descrevendo com mais propriedade suas características (CAPPELLARI, 2010).

Na contramão da poesia de Adélia, conforme Soares (2002), em alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade, como em *Iniciação amorosa*, vê-se “a mulher figura, neste poema, como aquela que ensina as primeiras bolinações, as carícias mais quentes da puberdade [...]” (SOARES, 2002, p. 62), destaca-se o erotismo envolvendo a figura da mulher, que apenas é objeto de desejo de um jovem, tornando ele o foco principal e a mulher sendo uma figura secundária que influencia o despertar sexual do homem, logo, vista em segundo plano.

A caracterização da imagem da mulher na literatura, de modo geral, segue sempre em concordância com o tempo, com os autores e poetas que simbolizam essa imagem através de

suas expressões artísticas e entendimentos do mundo. A partir de características de um ser no mundo real, apresenta-se na literatura perfis que reproduzem como se vê e entende a mulher na sociedade.

Por outro lado, atualmente tem-se discutido cada vez mais a situação da mulher na atualidade, dado os avanços ocorridos na sociedade no último século. Diante disso, reflete-se a condição e a imagem da mulher mostrada nas literaturas, quando narradas predominantemente por autores masculinos. A exemplo disso, Lúcia Osana Zolin, em seu artigo *A construção da personagem feminina na literatura brasileira contemporânea (re)escrita por mulheres*, de 2011, discute sobre a reescrita de romances considerados canônicos da literatura brasileira a partir de várias perspectivas, dentre elas a própria visão de autoras mulheres sobre a situação de como são tratadas as personagens femininas em algumas obras. Ela toma por análise as obras *A audácia dessa mulher* e *Vozes do deserto*, em que na primeira, a narrativa gira em torno da proposta audaciosa da personagem Beatriz Bueno, jornalista, que tenta reescrever a história da personagem “Capitu” da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, que é uma das protagonistas da obra, no entanto, é silenciada pelo narrador da história.

Em *A audácia da mulher*, segundo Zolin (2011, p. 98), nos fios da narração a personagem “retoma a trajetória de Capitu, recriando-lhe os contornos, reinventando-lhe os caminhos percorridos durante o casamento com Bentinho e após seu exílio na Suíça”, dessa forma na obra a autora tenta mostrar o outro lado da história, expondo a visão da mulher que foi silenciada pela narração masculina fazendo levantar-se contra ela a dúvida do adultério.

A partir dessa perspectiva, vemos uma mudança na forma de ver e pensar a mulher na literatura, no caso apresentado por Zolin (2011), busca-se mudar a maneira que é construída a narração, levando em conta apenas o narrador homem na figura de Bentinho, e apresentar o lado da mulher que por não ter espaço de enunciação encontra-se com uma imagem de mulher adúltera. Fato interessante a ser notado é que na atualidade cada vez mais entra em foco a situação da mulher, tanto ao longo da literatura, como no próprio fazer literário atual, como é o caso da poesia escrita por Angélica Freitas, que, na obra *Um útero é do tamanho de um punho*, focaliza a problematização da condição da mulher na sociedade contemporânea.

Portanto, a presença de mulheres autoras e personagens na literatura muda a visão que temos de questões que vêm sustentadas pela sociedade e que ora excluem ou silenciam perspectivas sociais. Como visto, a condição feminina veio sendo normatizada muitas vezes por outros agentes, desde seu significado até sua imagem, são insufladas características ou estereótipos do pensamento de outras pessoas. Assim, levando em consideração essas contribuições, vemos a necessidade de haver um outro olhar para a figura da mulher na

literatura, e isso pode ser feito com mais legitimidade por elas mesmas, que com mais sensibilidade aos contextos de seu grupo social, mostram uma imagem mais próxima de sua realidade, além de fomentar a igualdade de gênero e enriquecer o universo literário com vozes autênticas e poderosas, logo apresentando uma pluralidade de perspectivas.

Assim sendo, a imagem da mulher na literatura brasileira constrói-se a partir de vários fatores, e como o significado da palavra “imagem” do *Dicionário de filosofia*, pode conservar-se independente dela mesma, ou seja, independente da imagem construída pela autora mulher, que também se diverge, existe também imagens que são formadas a partir do pensamento de outros agentes, que podem ou não ser fidedignos ao próprio ser, mas da mesma forma, simbolizam uma visão social da mulher no tempo e no espaço.

4 A MULHER EM CONSTRUÇÃO: A POESIA DE ANGÉLICA FREITAS

A obra *Um útero é do tamanho de um punho* traz consigo poemas que põem como temática principal a mulher. Cada seção apresenta algo em relação à condição feminina que nos é exposto de maneira irônica ou simbólica, muitas vezes das duas formas, a começar pelo próprio título, na alusão do formato de órgão reprodutor feminino ser comparado com um punho cerrado, mostrando-se um símbolo de força, de luta e de resistência da mulher em relação a sua autonomia sobre seu órgão.

A escritora Angélica Freitas se junta a muitas outras autoras que, como vimos anteriormente, disputam o campo literário em meio a várias outras vozes que buscam espaço de enunciação e assim se preocupam com sua autonomia diante da escrita, apresentando um papel fundamental de mostrar as várias formas de ver e ser mulher. Ela trata a figura feminina a partir de sua própria visão de mundo e do seu lugar na sociedade. Dessa forma, carrega em seu fazer poético perspectivas diferentes das convencionais em relação aos problemas envolvendo a condição feminina, tais como, corpo, conceito, imagens e entendimentos de si mesma, ironizando-os em relação aos estereótipos sociais.

Traz-se ironicamente a ideia de a mulher ser vista como um ser em construção, contradizendo afirmativas biológicas do nascimento como sexo feminino, na distinção entre macho e fêmea. É refletido sobre as condições dessa construção e como ela é estabelecida predominantemente pela sociedade, que impõe papéis ou figuras e tenta padronizar uma figura feminina. Segundo Hutcheon (2000) “[...] a ironia acontece como parte de um processo comunicativo; ela não é um instrumento retórico estático a ser utilizado, mas nasce nas relações

entre significados, e também entre pessoas e emissões e, às vezes, entre intenções e interpretações” (HUTCHEON, 2000, p. 30).

No processo comunicativo do poema são lançadas farpas nas entrelinhas do discurso, uma ironia que pode ser ou não entendida, dependendo da posição do leitor, logo necessitando de interpretação e sensibilidade de quem ler. A própria afirmação de ser uma construção é inegável, mas por vezes parece tentar mostrar uma visão reduzida da complexidade do ser mulher a uma visão superficial apenas marcada por uma normatização histórica, podendo ser interpretada como uma crítica ao próprio fato da rigidez das definições de feminilidade serem estipuladas pela cultura, assim como a própria imagem da mulher que veio sendo construída na literatura brasileira a partir do pensamento masculino.

Na obra é mostrada, predominantemente, a visão de um eu-lírico feminino falando de mulher ou algo relacionado a ela, ou mesmo um eu-lírico masculino que se contradiz ao tentar falar sobre questões alheias a si. A terceira seção da obra traz como tema e título do primeiro poema, “a mulher é uma construção”. O próprio título é sugestivo ao que pretende desenvolver, pois podemos pensar que “a mulher” é tanto um conceito quanto um ser em constante construção. E logo, vemos que tanto um quanto outro são igualmente desenvolvidos levando em consideração a sociedade e a cultura em que o indivíduo está inserido. As seguir vemos partes do poema que, inicialmente, apresenta-se da seguinte forma:

a mulher é uma construção
deve ser

a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual
tudo rebocado
só muda a cor
(FREITAS, 2017, p. 45)

Primeiramente, a mulher tanto como conceito quanto como ser, é comparada a algo que está sendo fabricado, ou em constante edificação. Podemos perceber que esse pensamento se contrapõe ao que designa o dicionário em relação a mulher, e faz uma intertextualidade com o pensamento de Simone de Beauvoir, levando em consideração o conceito de que não se nasce, mas sim, torna-se mulher. O fato de ser uma construção nos mostra que ainda se está tomando forma, desde seu projeto inicial, o nascimento, até a futura conclusão, e antes disso resta apenas a matéria prima que vai ser moldada e trabalhada segundo interferências externas, do engenheiro, pedreiro e outros agentes.

Logicamente uma afirmação que corrobora com a idealização de uma forma de ser mulher. Como vimos na primeira seção, o conceito de “mulher” é amplamente disputado, pois é construído por vários indivíduos de uma determinada sociedade, em que cada pessoa põe seus ideais para fazerem parte dessa construção, como destaca Simone de Beauvoir (1967).

Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada. (BEAUVOIR, 1967, p. 10)

Essa compreensão de construções apoia-se no pensamento de que as noções de feminilidade, do ser mulher, tanto como conceito, papéis de gênero e identidade são construídos socialmente. E como vemos, a imagem da mulher construída ao longo da história carrega consigo uma série de estereótipos que são atribuídos pela sociedade através de cada cultura. Por isso, a mulher deve ser uma construção de maneira mais abrangente e que inclua as próprias perspectivas femininas que darão mais legitimidade a sua construção.

Vemos que a ideia de construção que traz o eu-lírico, é uma fala alheia, logo, não é um dado próprio da voz poética, mas uma imposição ao ser mulher que permeia a forma de pensar socialmente. O eu-lírico a traz de forma irônica, uma afirmação de outro pensamento e os contrapõem a sua própria forma de se apresentar como construção imperfeita. A própria palavra construção também é ambígua, pois denota vários sentidos, entre ela o jogo de comparação com a construção civil. Assim, o que é apresentado sobre a mulher ao longo do tempo vem sustentado por um padrão, uma uniformidade na construção da imagem, como por exemplo, a ênfase na juventude e na beleza, como podemos perceber ao longo da literatura brasileira, no entanto, o eu-lírico na comparação com uma construção destaca que:

particularmente sou uma mulher
de tijolos à vista
nas reuniões sociais tendo a ser
a mais mal vestida

digo que sou jornalista
(FREITAS, 2017, p.45)

Logo, o discurso enunciado identifica-se como uma voz feminina, e em contradição com a expectativa de ser “tudo igual” / “tudo rebocado”, apresenta-se de “tijolos à vista”, mostrando que não se pode haver uma igualdade na figuração da mulher, pois uma construção com tijolos à vista, ainda não está pronta, ou apresenta defeitos. Adiante, o eu-lírico caracteriza-se a mais

mal vestida, mostrando ser uma mulher despreendida dos padrões de beleza que são impostos, ou justificando-se ser muito atarefada ou tomada pelo trabalho ficando sem tempo para certos hábitos. Dessa forma, vemos que longe da igualdade da construções desejada para a mulher, o eu-lírico não se encaixa muito bem nas expectativas do pensamento alheio.

Vemos um eu-lírico que se diz mulher, falando sobre si mesmo e como ela se vê na sociedade, marcada “nas reuniões sociais tendo a ser/ a mais mal vestida” e ainda mostrando ter a profissão de jornalista. Temos situado no eu-lírio o interesse em falar de como é entendida de maneira geral a mulher e de como particularmente ela se enxerga, a partir da própria constatação de um ser em construção.

Eis uma questão importante, o fato de o eu-lírico fazer uma “representação” do que é a mulher, tanto no sentido comparativo a uma construção, quanto no sentido que diz Dalcastagnè, (2012) “um dos sentidos de representar é, falar em nome do outro. Falar por alguém é sempre um ato político, às vezes legítimo, frequentemente, autoritário [...]” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 19). É o que acontece, primeiramente pelo fato de termos uma escritora focalizando a temática da mulher e depois uma voz que se legitima por dizer ser mulher, conseqüentemente dando-lhe mais propriedade e familiaridade no que está falando, mas sem ser autoritária pois não impõe sua caracterização como predominante.

Adiante no poema, o eu-lírico torna a afirmar que a mulher é uma construção, mas agora deixando mais explícitas as dificuldades que enfrentam nesse processo. Problematiza-se as suas imperfeições e mostra-se que mesmo pretendendo ter algo construído e acabado de maneira perfeita, haverá sempre dificuldades, pois o processo não se acaba, e da mesma forma que uma casa precisa de futuros reparos para se manter estruturada a mulher também necessita de reparações. Assim, segue-se da seguinte forma:

(a mulher é uma construção
com buracos demais

vaza

a revista nova é o ministério
dos assuntos cloacais
perdão
não se fala em merda na revista nova)
(FREITAS, 2013, p. 45)

De forma bem direta, são apresentadas algumas condições nessa comparação com a mulher, quando se diz “com buracos demais” e que “vaza”, apresentando uma crítica à busca da perfeição feminina, comparada a uma construção com "buracos", vistas como defeitos, em

que a imposição da perfeição é justamente uma forma de esconder os "defeitos", ou seja, a própria forma de falar com palavras consideradas de baixo calão, que socialmente são malvistas pela sociedade, em que, fala-se que não são palavras para mulheres usarem, mas que na realidade são usadas a justificam uma mulher real.

Da mesma forma que, a construção da mulher é forjada pelas expectativas, normas e valores enraizados em uma determinada sociedade. Entretanto, assim como qualquer construção, a imagem da mulher apresenta defeitos. Estereótipos restritivos, desigualdade de gênero, violência e discriminação são algumas das rachaduras que permeiam essa construção. Reconhecer essas imperfeições é fundamental para que se desconstrua e reconstrua uma visão mais inclusiva e igualitária da mulher.

Podemos estabelecer outra questão com a expressão “vaza” relacionada ao ato da menstruação, um fato da condição biológica do sexo feminino, constatado como vimos, na definição de “mulher” que é apresentada no dicionário. Essa expressão pode ser considerada forte ou machista vindo de um eu-lírico que se diz mulher. Mas justamente pretende causar esse impacto controverso na visão da mulher, o fato de dizer que a mulher “vaza” é rude, porém, mostra o que muitas pessoas internalizam preconceitualmente.

Mas, longe de querer enfatizar que para ser uma mulher precisa-se menstruar, vemos esse verso como uma crítica a essa mesma condição que a distingue do homem e que talvez seja a primeira noção que vem quando o lemos. Em outros poemas da obra de Angélica Freitas, vem problematizada a questão de ser mulher além apenas de sua figuração como ser biológico. Como por exemplo o poema “mulher depois”, trazendo a questão do sentir-se mulher e da transição de um gênero para outro. Sustentando ainda mais a questão de uma construção conceitual e social, muito além da idealização proposta pela cultura.

A sequência dos versos apresenta outras críticas, como dizer que “a revista nova é o ministério/ dos assuntos cloacais”, usando como alegoria uma revista dedicada ao público feminino, critica diretamente as mídias sociais que na atualidade subvertem e usam a mulher como propagandas de bens de consumo. Segundo Boris e Cesídio (2007), a mulher, seu corpo e sua subjetividade, passou a ser ditado pelos padrões culturais do momento atual, sendo influenciado principalmente pela mídia a um padrão que não condiz com a realidade, mas passando a ser comandado pelo consumismo capitalista, “que impõe um tipo ideal de mulher – esbelta, elegante e bem-sucedida profissional e financeiramente” (p. 475).

Isso é uma idealização muito extrema, pois provoca o consumismo e motiva uma adequação na imagem da mulher; se no passado a sociedade normatizou através da cultura um estereótipo de mãe e dona de casa que se refletiu em várias esferas, atualmente mudou-se para

outro tipo de normatização, que apresenta um padrão e um *status* a ser alcançado como a máxima do empoderamento feminino, no entanto, permanece o mesmo tipo de construção ideológica, porém, com outras intenções.

No início do poema podemos notar uma empolgação quando o eu-lírico diz que a mulher é uma construção e se define como imperfeito a partir disso, no entanto, ao fim há uma retomada dessa afirmativa, porém, sendo feita com um tom diferente do inicial, apresentando uma negação e até uma falta de esperança como podemos ver a seguir:

(...)
 nada vai mudar –

 nada nunca vai mudar –

 a mulher é uma construção
 (FREITAS, 2013, p. 46)

A retomada ao fato de ser construção já não parece tão empolgante, o tom vai se abrandando fazendo surgir quase um conformismo. A afirmação é inegável, e inicialmente o eu-lírico parece firme dizendo ser construção, mostrando sua forma de ser. Mas como vemos, ao logo do poema traz-se os problemas envolvendo a construção do ser mulher, as ideologias, as normatizações as faltas de perspectivas mesmo com a presença de mulheres fazendo parte da construção.

Destarte, mesmo que a construção pareça ser uma redução da complexidade de ser mulher, e mesmo que o processo construtivo abranja muitas perspectivas atuais, ela vai ser sempre uma construção. Porém, há no eu-lírico uma desesperança, pois a maneira que se desenvolve esse conceito ainda é reduzido, a quem tem mais espaço de enunciação. Assim como vimos nos verbetes do dicionário, no qual a significação de “mulher” vem sendo manifestado a partir de pensamentos ainda fechados, relacionando-a ao homem ou ao nascimento, atualmente vemos que a construção ideológica de ser mulher apresenta novas formas que são manipuladas novamente por interesses de terceiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher veio sendo tematizada ao longo de toda história, tanto como conceito, tanto como ser, foi sendo moldada a partir da construção social em que os indivíduos que detêm o poder em uma cultura impõem suas perspectivas no que pretende fazer ser a mulher. Dessa forma, nossas perspectivas sociais vieram sendo refletidas na literatura ao longo das correntes

literária, e, além de ser produzida socialmente uma idealização do que deve ou deveria ser uma mulher, podemos ver imagens que seguem a determinados padrões. Essa construção social foi se modificando em decorrência da própria mudança dos tempos. O apagamento histórico da mulher em alguns contextos foi sendo substituído por um pouco mais de “reconhecimento” e a própria mulher passou a ter parte mais ativa e visível na formação de suas características abrindo-se cada vez mais a pluralidade e complexidade de ser mulher.

Angélica Freitas em suas obras de poesia traz temáticas gerais, voltadas a reflexões cotidianas, carregando até uma linguagem pode ser considerada por algumas pessoas, meio “sem modos”, as questões sociais são sempre discutidas, como em suas obras *Rilke Shake* (2007) e *Canções de atormentar* (2020) que trazem poemas sobre infância e família entre outros. O primeiro trata de maneira mais abrangente, levando em alguns poemas alguma coisa relacionada a condição da mulher, como o poema de título “a mulher dos outros” sempre demonstrado um tom irônico ou satírico, o segundo, passa a tematizar mais a vida, de maneira geral, sem ter um eixo temático também traz reflexões nas entrelinhas sobre a mulher. No entanto, *Um útero é do tamanho de punho* (2017) traz um engajamento muito maior, sendo um livro pensado e trabalhado especificadamente para refletir o que é ser mulher.

Portando, a obra de Angélica Freitas faz-se muito importante na atualidade ao pôr em voga, entre vários temas, a mulher, sua situação no mundo e em nossa sociedade. As questões trazidas pelo livro *Um útero é do tamanho de punho* nos fazem refletir além das imposições que são feitas à mulher e demonstra que não se trata de um ser estático, mas que sua construção é complexa e abrange formas de ser mulher evidenciando pluralidade da identidade feminina.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BEAUVOIR, S. D. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**. Tradução de Sérgio MILLIET. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro, v. II, 1967.
- BORIS, G. D. J. B.; CESÍDIO, M. D. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-estar E Subjetividade**, Fortaleza, Brasil, v. VII, p. 441-478, setembro 2007. ISSN 1518-6148. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27170212>>.
- CALDAS, A. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- CAPPELLARI, J. A. A identidade feminina na poesia de Adélia Prado. in: **Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos Anais [...]**, Santa Catarina, 23-26 Agosto 2010.

01-08. Disponível em:

<<http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>>.

COMPANHIA das Letras. **companhiadasLetras.com.br**. Disponível em:

<<https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/03222/angelica-freitas>>.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira**, Brasília, n. 20, p. 13-71, Jul./dez. 2005.

DALCASTAGNÈ, R. Imagens da mulher na narrativa brasileira. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, n. 15, p. 127-135, 2007. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>.

DALCASTAGNÈ, R. **Literatura Brasileira Contemporânea: Um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DUARTE, E. D. A. Mulheres marcadas: literatura, gênero e etnicidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 63-78, 2009.

FARRA, M. L. D. Cecília Meireles: imagens femininas. **Cadernos pagu**, n. 27, p. 333-371, julho-dezembro 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644778>>. Acesso em: 2023 Maio 28.

FERREIRA, A. B. D. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FINELLI, L. A. C.; SILVA, J. L. D.; AMARAL, R. D. A. Trajetória da família brasileira: o papel da mulher no desenvolvimento dos modelos atuais. **Humanidades**, v. 4, n. 2, p. 52-60, Julho 2015.

FRAZÃO, D. Ebiografia. **ebiografia.com**, 21 Fevereiro 2022. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/adelia_prado/>.

FREITAS, A. **Rilke Shake**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FREITAS, A. **Canções de Atormentar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HUTCHEON, L. **Teoria e política da Ironia**. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. 359 p.

LOPES, S. F. "Retratos" de mulheres na literatura brasileira do século XIX. **Revista Plures Humanidades**, Ribeirão Preto, n. 15, p. 117-140, Jan. jun 2011.

MACHADO, R. D. C. F.; PAULO, F. S. Pioneiras da Educação no Brasil: mulheres, professoras e intelectuais. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, v. 27, n. 52, p. 181-197, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/artecle/view/19165>>. Acesso em: 20 maio 2023.

MENDES, M. R. T. Maria Firmina do Reis: Mulher e escritora oitocentista. **RevIU**, p. 39-48, 2014. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/IMEA-UNILA/article/view/202>>. Acesso em: 04 junho 2023.

MENDES, R. D. S. Angélica Freitas: o útero como punho, a ironia como luva. **Anais do XV Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC**, Rio de Janeiro, 2016.

NASCIMENTO, S. S. D.; OZELAME, J. K. C.; LANGARO, C. S. A personagem feminina na literatura brasileira romântica, realista e contemporânea. **Claraboia**, Jacarezinho, v. 5, p. 32 - 48, jan - jun 2016. ISSN 2357-9234. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/744>>.

NETO, A. R. **Musara Literatura e dijacências**, 8 Agosto 2014. Disponível em: <<https://musarara.com.br/angelica-freitas>>. Acesso em: 21 Maio 2023.

OLIVEIRA, F. C. D. S. MULHERES NEGRAS LETRAS E LITERATURA: Uma Análise da Condição da mulher negra no final século XIX a meados do século XX. **Portal de Conferências do Laboratório de Tecnologias Intelectuais - LTi, 18 REDOR**, p. 1586-1605, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/view/2309/0>>. Acesso em: 04 Junho 2023.

ORTEGA, S. B. V. Enciclopédia Sapatão. **casaum.org**. Disponível em: <<https://enciclopediasapatao.casaum.org/angelica-freitas/>>. Acesso em: 21 Maio 2023.

PINTO, F. N. D. S. **Dois Faces da Mulher contemporânea: Carreira e Maternidade**. Rio de Janeiro: Tese (Mestrado em Psicologia), PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro, 2015. 112 p.

ROSSINI, T. C. N. A construção do feminino na literatura: representando a diferença. **Trem de Letras**, v. 3, n. 1, p. 97-111, 11 julho 2016. Disponível em: <<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459>>.

SANTOS, J. B. D. **Emergência da escrita de mulheres na literatura amazonense contemporânea (2007- 2018)**. Brasília: Tese (doutorado em lietaratura) - Universidade de Brasília, 2022. 262 p.

SILVA, S. C. D.; HAETINGER, R. A. S. As representações do ser mulher na obra "Um útero é do tamanho de um punho", de Angélica Freitas. **Revista Humanidades e Inovação**, 2019.

SOARES, M. C. Perfis da Mulher na poesia de Drummond. **UNILETRAS 24**, n. 24 n. 1, p. 61-72, 2002. Disponível em: <<http://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/233>>.